

O ESPAÇO CEMITERIAL: LEITURAS DISCURSIVAS DO ESPAÇO URBANO¹

THE CEMITERIAL SPACE: DISCURSIVE READINGS OF URBAN SPACE

Tatiana Barbosa de Sousa¹, Maria Cleci Venturini¹

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR, Brasil
tatianabsg@gmail.com; mariacleciventurini@gmail.com

Recebido em 25 nov. 2019

Aceito em 13 dez. 2019

Resumo: Nesse artigo, apresentamos uma proposta de leitura discursiva do espaço urbano e os seus sentidos a partir da leitura de um cemitério, entendendo-o como lugar que guarda traços da história da cidade, dos sujeitos que formam seu corpo social, suas filiações, memórias, contribuindo para a leitura/interpretação e compreensão da cidade-texto. O cemitério conjuga o tempo tridimensional – passado, presente e futuro e um dos pressupostos que autoriza a leitura da cidade por esse viés decorre da contradição dada pela morte – comum a todos os sujeitos e sinaliza, conforme Catroga (2009), para traços que revelam, mas também escondem a experiência temporal e a indissociabilidade do espaço. O impulso para essas discussões adveio de projetos desenvolvidos junto a professores do ensino fundamental e médio no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE/PR), em que atuamos como orientadoras e significamos a leitura como prática social e discursiva e a história da cidade como constitutiva do sujeito. Nesses projetos, o espaço urbano é tomado como objeto discursivo lido na relação sujeito, história e memória. Neste artigo, recortamos como objeto de estudos o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, localizado no cemitério Municipal Vera Cruz, na cidade de Passo Fundo, cuja materialidade estrutura-se por mensagens de agradecimentos e de adoração, e, especialmente, de rosas vermelhas para elaborar uma proposta de atividade/leitura/prática a ser realizada/desenvolvida na escola/, mostrando aos professores a possibilidade de realização de uma atividade de leitura a partir da AD, como um exemplo de prática a ser proposta na escola, desnaturalizando os sentidos, aparentemente, saturados e homogêneos, sublinhando que os sentidos sempre podem ser outros.

Palavras-chave: Leitura. Sujeito. Memória. História.

Abstract: In this article we present a proposition of discursive reading of the urban space and its meanings from the reading of a cemetery, and we understand it as the place where it is kept the traits of history of the city, of the subjects who are part of its social constitution, their filiation, memories, contributing for the reading/interpretation and comprehension of the city as a text. The cemetery combines a tridimensional time – past, present and future and one of the presumptions that authorizes the reading of the city by this bias comes from the contradiction established by the death – common to all subjects and indicates, as by Catroga (2009), to traits that reveal, but also hide the time experience and the indissociability of the space. The impulse to these discussions came from projects developed by elementary and high school teachers in the program called Programa de desenvolvimento Educacional (PDE/PR), in which we were mentors and signify the reading as a social and discursive practice and the history of the city as constitutive of the subject. In these projects, the urban space is taken as a discursive object read in the relation among subject, history and memory. In this article, we outlined Maria Elizabeth the Oliveira's grave, located at Vera Cruz city cemetery, in Passo Fundo city, which materiality is structured by messages of gratitude and worship, and, specially, red roses to elaborate a proposal of activity/reading/practice to be done/developed at school, showing to the teachers the possibility of doing a reading activity from DA, as an example of practice to be proposed at school, denaturing meanings, apparently overwhelmed and homogeneous, highlighting that meanings can always be others.

Keywords: Reading. Subject. Memory. History.

¹ Esse trabalho recebeu apoio financeiro da CAPES.

A teoria materialista do discurso, rediscutida por Pêcheux, pensa a Linguística e a História, o sujeito e a ideologia, a ciência e a política, construindo um caminho que desnuda as evidências e desnaturaliza verdades, usando como arma a resistência ao que não historiciza. (VENTURINI; PETRI, 2019).

PRIMEIRAS PALAVRAS: TOMADAS DE POSIÇÃO

A Análise de Discurso (doravante AD) é uma disciplina de entremeio, segundo Orlandi (2009), especialmente, por suas filiações teóricas à Linguística, ao Materialismo Histórico e à Psicanálise. Vale destacar que trabalhar nos entremeios não significa submeter-se passivamente a essas disciplinas, mas questionar o que elas deixam, não focalizam ou não priorizam. Demanda desse compromisso, a concepção de leitura - nosso foco nesse artigo - como prática discursiva, que conjuga saberes advindos de outros lugares e domínios, abarcando distintas textualidades e tem como objeto o discurso, concebido como efeito de sentidos entre interlocutores.

O estudo do discurso, nesse enfoque, realiza-se sempre por sujeitos, inseridos em uma formação social, a partir de posições-sujeitos, que determinam a leitura/interpretação/compreensão por meio da língua em sua relação constitutiva com a história, fazendo-se linguagem em diferentes materialidades. A leitura, nessa perspectiva teórica, distancia-se dos estudos tradicionais por afirmar a não-transparência da linguagem e conceber a língua como um objeto próprio, realizando-se, segundo Pêcheux (2002, p. 51), [...] através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc. [...] num jogo de diferenças, alterações e contradições". Ainda segundo o mesmo autor (p. 51),

[...] o objeto da Linguística (o próprio da língua), aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento e da transformação do sentido, escapando a qualquer ordem estabelecida a priori, de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar das interpretações.

Nesse funcionamento, a língua se constitui como um objeto próprio da linguagem, recusando a relação marcada e unívoca entre pensamento/linguagem/mundo, referendando a afirmação de Pêcheux (1997) de que a língua serve para comunicar e para não-comunicar. Nesse sentido, é a mesma para todos os sujeitos e altera-se/significa em função do que esses sujeitos

fazem em relação a ela/com ela, tendo em vista sujeitos inscritos em formações discursivas. Essa possibilidade permite que se mobilize discursos e práticas sociais com vistas a trabalhar com o espaço urbano e com o sujeito inserido na história, vivendo em uma formação social dada, junto a outros sujeitos.

Nesse artigo, focamos na leitura discursiva que pode se desenvolver como um projeto sobre/em torno do “saber urbano”, na escola, comportando as condições de produção em sentido restrito e em sentido amplo. Pensamos que a leitura, nessa perspectiva, desnaturaliza os sentidos e contribui para que os sujeitos pensem nas práticas que os constituem, abandonando a passividade e sempre desconfiando das evidências que instauram a normalidade e a higienização do pensamento. Nossa proposta é trabalhar o espaço urbano e tomar como recorte o cemitério Vera Cruz, que é um dos cemitérios municipais de Passo Fundo e, afunilar, ainda mais, recortando um dos túmulos desse espaço, tendo em vista a narratividade e os modos de contar a vida, os milagres e os acontecimentos que fizeram com que o sujeito, que repousa nesse túmulo, seja significado pela ‘santidade’.

Para legitimar e dar concretude e veracidade a esse discurso que se constitui como um saber urbano, Fidélis Dalcin Barbosa escreveu, em 1969, o livro que narra a vida e os milagres de Maria Elizabeth de Oliveira, chamada e aclamada por sujeitos de Passo Fundo e região, como ‘santa’. É importante salientar que esse discurso, como diz Pêcheux (1997), assim como a ideologia, ‘não nasce pela graça do céu’, há, aqueles que lutam e trabalham em prol dessa causa, dando visibilidade a ela. Uma das formas de ‘chamar’ ao compromisso é o testemunho, que podem/devem falar em favor da santidade. O livro traz quarenta e seis testemunhos dos milagres atribuídos a Maria Elizabeth e, com isso, constituem a narrativa que gera evidências de verdade.

No livro em que resume a obra maior *Uma estrela no céu*, (BARBOSA 1996, p. 4) explica por que a Santa ainda não foi canonizada, enfatizando, de um lado, a necessidade de muito empenho da Diocese e, de outro, segundo o mesmo autor, os santos “de vida simples, como Juan Diego, vidente de Nossa senhora de Guadalupe (1531), Frei Galvão (1786), Madre Paulinha... e muitos outros só receberam o reconhecimento depois de muitos anos ou vários séculos depois da sua morte”. A referência a santos de vida simples, ‘abre’ espaço para se discutir os sentidos de santidade, já que há, aqui também, a divisão entre os mais e os menos abastados,

entre os que vivem ‘simplesmente’ e os que possuem melhores condições financeiras.

A LEITURA DISCURSIVANA ESCOLA E PROJETOS DE LEITURA: UMA PROPOSTA

Damos a conhecer, em linhas gerais, projetos desenvolvidos com professores da Rede Pública do Paraná e, ancorados nessas propostas, apresentamos uma proposta de leitura discursiva, que tem como centro o cemitério municipal Vera Cruz, na cidade de Passo Fundo/RS, recortando nesse cemitério o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira conforme Barbosa (1996) que ancora essa leitura. Em seguida, apresentamos discussões sobre a autoria e a leitura discursiva que suportam a possível leitura, nesse artigo, realizada pelas proponentes.

Dizemos que se trata de um projeto, tendo em vista que o desenvolvimento dessa atividade vai demandar um planejamento prévio. O que está aqui apresentado é um exemplo do que se pode fazer, não se trata, portanto, de um projeto implementado. Como dissemos, desde o início, a grande proposta é a leitura do espaço urbano e ele encaminha para várias direções, o que apresentamos aqui, é uma possibilidade. A proposta desenvolvida foi a leitura do espaço urbano.

Nessa proposta de leitura, abordamos o espaço urbano a partir do cemitério e, mais especificamente, o túmulo e a memória de Maria Elizabeth de Oliveira, como foi dito, buscando mostrar a relação dos sujeitos com a cidade. Olhamos para a escola como espaço de significação e de interpretação, vendo-a como essencial na formação da sociedade, socializando o conhecimento. Acreditamos que é na escola que os sujeitos têm “acesso ao conhecimento social historicamente construído e à instrumentalização que favoreça sua inserção social e exercício da cidadania”, conforme as Diretrizes Curriculares para a Educação Pública do Paraná – DCEs (2008), o sujeito tem relação com o tempo histórico, com as relações sociais, como sujeito capaz de transformar o seu tempo, a partir do olhar que dedica aos saberes, significando-os.

Propusemos às duas professoras da Rede Pública Estadual do Paraná, que orientamos no programa de desenvolvimento de docência, significar a cidade como um espaço de leitura. Cada uma das docentes organizou o seu projeto de trabalho,

que foi desenvolvido nas escolas. Nesses projetos de leitura, a cidade foi analisada intrinsecamente ligada ao sujeito, de tal modo que se indissociam. De acordo com Orlandi (2004, p. 11), “nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade”. Ela – a cidade – é um espaço que significa e é significado, funcionando dialeticamente como espaço e como corpos de sujeitos a partir dos quais memórias se legitimam.

O projeto desenvolvido pelas duas professoras da Rede Pública do Paraná incluía duas escolas e duas propostas distintas: uma delas tomava os espaços públicos – santuários, praças, parques – e o outro recortava a história da cidade, particularmente museus e monumentos, possibilitando inclusive ver que nem todas as cidades possuem museus. Cada projeto incluía uma metodologia de aplicação e um recorte específico, mas os dois tiveram em comum reflexões sobre os sentidos da cidade, discutindo o modo como os sujeitos vivem no espaço urbano e o significam.

Nessa primeira etapa, as professoras discutiram junto aos alunos o espaço urbano, destacando temáticas como ordem e organização atreladas às secretarias de administração e de obras e movimento urbano de cada município. Essas secretarias trabalham na regulamentação do trânsito de veículos e de pessoas, organizando a vida pública. Nessa etapa, é importante sublinhar a ordem e organização como proposições coletivas apresentadas por aqueles que representam os cidadãos – vereadores. Foram destacadas ações coletivas que envolvem os sujeitos urbanos (consultas populares, projetos de leis), suscitando questões sobre os trâmites que envolvem decisões sobre os municípios e sobre políticas públicas

Os projetos contemplavam um direcionamento, no primeiro deles, a proposta centrou-se nos espaços públicos, apresentando-os aos alunos, inicialmente na sala de aula e depois levando-as à visita, no retorno, discutindo as placas e a forma de gerenciamento da cidade. O segundo projeto retomava, a partir de entrevistas com cidadãos que vivem mais tempo nos lugares, a história da cidade a partir dos monumentos, das praças entre outros, incluindo cemitérios, pelos quais é possível saber do surgimento das cidades, considerando-se o destaque dos túmulos e mausoléus. O objetivo foi pensar a importância de saber-se sujeito na história por meio da cidade.

Neste artigo, elegemos o cemitério como um lugar de memória da cidade, como um objeto discursivo de leitura, demandando que os sujeitos-alunos estabeleçam relações entre a formação social e o espaço cemiterial como uma continuidade das relações e dos saberes urbanos, possibilitando a saída do lugar comum. Trata-se de uma leitura do espaço urbano – em que a cidade é um texto, que encaminha para discursos. O foco é o espaço cemiterial. Iniciamos com discussões teóricas, buscando mostrar o que envolve uma leitura discursiva e, também, que o professor proponente, deve ancorar-se no já-feito, no já-dito, com vistas ao trabalho científico. De acordo com Venturini (2009, 139) “é pelo discurso que a cidade se significa, e os sujeitos que a habitam reafirmam o seu pertencimento ao espaço pelas filiações identitárias que os inscrevem em redes de memória”.

As redes de memória mostram a aparente homogeneidade e linearidade do discurso urbano, apagando o movimento descontínuo da histórica em relação real, o qual, de acordo com Pêcheux (2002, p. 43), “há um real constitutivamente estranho à univocidade lógica e um saber que não se transmite, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. Dentre os efeitos, está a aparente homogeneidade e linearidade dos discursos e dos efeitos que se constituem. Vale destacar que levar para a escola o espaço urbano como texto a ser lido/interpretado/compreendido se constitui mais do que leitura, é um exercício de cidadania e de valorização do sujeito.

O autor, nesse funcionamento, não é apenas aquele que é responsável pela organização do sentido do texto que produz, mas também aquele que imaginariamente se coloca no lugar do outro, nesse caso, não para ouvir, mas para projetar uma intenção e buscar compreender o dito, instaurando, assim, da discursividade. Isso ocorre pelo posicionamento discursivo relacionado à memória do dizer (interdiscurso), produzindo a repetição, mesmo que de forma particular, produzindo um gesto interpretativo.

Para compreender a leitura na perspectiva discursiva, retomamos Orlandi (1998), no que se refere aos modos de repetição, classificando-as como: a) Repetição Empírica: repetição como efeito ‘papagaio’, em que o sujeito fica sem saber o que está dizendo, esquecendo logo porque o dizer não faz sentido pra ele; b) Repetição Formal: espécie de paráfrase que se constitui pela repetição de palavras, sem historicização; c) Repetição Histórica: em que há formulação de um dizer, incluindo o

saber discursivo. Segundo a autora, “este seria o ideal da aprendizagem: levar o aluno a passar da repetição empírica à histórica, com passagem obrigatória pela formal, já que para que haja sentido é preciso que a linguagem se inscreva na história”. (ORLANDI, 1998, p. 14).

Para tanto, o professor em sua prática intervém discursivamente sobre o objeto discursivo que está no texto em estudo, explicitando os pontos de deriva e ajudando na realização de gestos de interpretação, dando-lhes condições para novas escutas discursivas, diminuindo a divisão dos lugares “sociais do trabalho da leitura”. (PÊCHEUX, 1997).

No que tange à proposta deste trabalho, o cemitério se constitui como espaço de circulação do saber e da memória urbana, dando visibilidade à morte como continuidade da vida em sociedade dividida em classes. Segundo Catroga (2009, p. 20), o túmulo é o ‘céu da memória’ e o simbolismo funciona na constituição memorial como simulação da ‘presença do ausente’ a partir de *traços* que, em simultâneo, dissimulam o que se quer recusar: a putrefacção do referente. Ainda, segundo Catroga (2009), se a morte remete para ‘o não ser’, o monumento funerário irrompe o espaço como um apelo a uma memória do futuro. Se, nos ritos funerários, se negocia e se esconde a corrupção do tempo (e do corpo), na sociedade dos vivos o objetivo é que seja possível gozar da protecção dos antepassados, definitivamente pacificados, e de se reconstituir a ordem social que a morte pôs em causa, fazendo trabalhar o luto.

Mas não se trata de discutir o espaço urbano, ou o cemitério nesse espaço, e sim de esboçar relações, destacar os processos discursivos, a linguagem e a exterioridade. Vale, ainda, sublinhar, no trabalho com a leitura, que o sentido do texto sempre pode ser outro, comportando tanto o que é “dito” quanto o “não dito”, encaminhando para processos discursivos, decorrentes da paráfrase – o que se repete e instaura redes de memória e a polissemia – o novo – a possibilidade de transformação. Podemos dizer a partir de Orlandi (2004) que todo discurso se faz na tensão entre a paráfrase e a polissemia, trabalhando continuamente o dizer, sinalizando que o discurso se constitui no jogo entre o mesmo e o diferente, o já dito e o não-dito. Com isso, se referenda a incompletude como condição da linguagem, a língua sujeita a equívocos e a história passível de ruptura, instaurando a transformação e destacando que não há discursos acabados.

Diante disso, nossa proposta contempla a preocupação em mostrar a AD como um dispositivo de leitura, que focaliza os processos discursivos e não os conteúdos do texto e se caracteriza pelo cuidado de ultrapassar o nível da informação, o que significa pensar, segundo Orlandi (2004, p. 155), que “o conhecimento não é um conteúdo guardado na Escola; ele está no mundo (na cidade) em seu real, na relação que o sujeito estabelece com o entorno em que vive”, referendando a cidade em sua relação com a escola e com os sujeitos que nela habitam. Nesse funcionamento, o processo ensino-aprendizagem tem como fio condutor textualidades em (dis)curso instaurando e rompendo com sentidos que ressoam no(s) e pelo(s) sujeitos.

O trabalho com a leitura como prática discursiva implica, de acordo com Zoppi-Fontana (1999, p. 53), entendê-la “como um processo de produção de sentidos que envolve tanto o sujeito que lê quanto as condições sócio-históricas em que ele se insere, isto é, as condições de produção de sua leitura”. Em resumo, a leitura contempla não só o dito, mas também os não ditos, que significam como memória, envolvendo a língua, mas também a história, enquanto historicidade, como o que está fora do texto, mas ressoa nele. Implica, enfim, a passagem do enunciativo ao discursivo. Com isso, se trabalha a leitura como narratividade urbana (ORLANDI, 2004), nas palavras da cidade, como constituintes de uma cena, que instituiu sujeito do/no discurso, aprendendo a ver como a história como historicidade significa no presente. Isso significa pensar que a leitura para muitos sujeitos pode ser somente a apreensão do sentido do que se lê ou mesmo ser alfabetizado.

Para a Análise de Discurso, a leitura é interpretação e compreensão, processo de construção de sentidos, tendo em vista que o texto não acaba em si mesmo. Ao contrário, abre-se a diferentes direções, permitindo diferentes “gestos de interpretação” e “deslocamento de sentido” (ORLANDI, 1988)² e referenda, conforme Pêcheux (2002) que todo enunciador pode vir a tornar-se outro, deslocando sentidos para derivar em outro, apagando o funcionamento da deriva, do que podem funcionar outros textos e outros efeitos de sentido.

² A questão do sentido e expressões como ‘gestos de leitura’ e ‘deslocamentos de sentidos’ são recorrentes na leitura discursiva e funcionam a nosso ver como um dos pressupostos da Análise de Discurso. Por isso, citamos Orlandi como fundadora da teoria, entendendo que citar apenas uma página seria reduzir o trabalho discursivo.

Trabalhar com a leitura na perspectiva discursiva implica esclarecer politicamente a relação dos sujeitos com os sentidos, a construção de arquivos, entendidos por Pêcheux (1997) como “documentos disponíveis sobre uma questão”, não documentos físicos, mas inscritos na memória, o interdiscurso dos sujeitos. Esquecer os modelos de leitura preconizados pelos livros didáticos, os quais não historicizam, tornam-se repetição. Esse modelo de trabalho com a leitura mostra que

Nenhum esforço maior é exigido da parte do aluno. As explicações com raras exceções, não provocam reflexões e limitam a capacidade dos alunos, não deixando espaço para a construção do significado enquanto modos de produção de conhecimentos circunscritos histórica e socialmente. (CORACINI, 1995, p. 47).

Conforme Coracini (1995), em sala de aula raramente são permitidas leituras que não sejam as apresentadas pelo livro didático, que o professor toma muitas vezes, como as únicas e corretas. O texto é usado como pretexto para o ensino de gramática, outras vezes com questões direcionadas. Massmann (2013) afirma que as práticas pedagógicas de hoje instauram o que o sujeito deve saber, em um discurso autoritário que pouco privilegia o saber, promovendo a repetição de um mesmo sentido; o conhecimento pouco importa.

Para a AD não basta responder à pergunta “o que diz o texto”, mas, é, sim, preciso entender “como se produzem sentidos nele.” Assim, o leitor deve produzir sentidos e não somente apreender o que lê. O texto não é detentor dos sentidos. Os sujeitos é que tentam controlar os sentidos a partir de um determinado contexto sócio-histórico e ideológico, o sentido de um texto pode ser outro em momentos diferentes da vida do leitor. O dizer é tecido por já-ditos que, em determinadas circunstâncias, serão sempre novos.

Segundo Orlandi (1988, p. 12), “compreender, eu diria, é saber que o sentido pode ser outro.” Com essa afirmação, a autora mostra que para quem faz uso da Análise de Discurso, a incompletude está sempre presente. A AD ensina a pensar, tira nossas certezas e infunde as diferenças, deixando espaço para outras visões, mais amplas, com outras possibilidades, inclusive mais desafiadoras. Orlandi (1988) diferencia inteligibilidade, interpretação e compreensão. De acordo com a autora, a inteligibilidade comporta o primeiro nível, a leitura linear, decodificação, relação mecânica e superficial, basta saber a língua que se fala. Já na interpretação, segundo nível, estão presentes evidências, assujeitamento, instância do repetível, é

feita da posição-sujeito, atribui sentido a partir da ideologia. A compreensão, terceiro nível, engloba a análise e nele o sentido é historicamente determinado, é a teorização do saber.

Nesse nível, o da compreensão, o leitor se redimensiona, em relação à história e à ideologia, uma vez que no processo da leitura a historicidade do leitor e do texto se entrelaçam. A prática de leitura na perspectiva discursiva conduz a um processo de produção de sentidos, seja oral ou escrito, e a escola enquanto lugar de reflexão é fundamental nesse processo. Importante lembrar que “o aluno é sujeito-leitor de outras formas de linguagem e também fora da escola” (ORLANDI, 1988 p. 40). Eis, aí, a necessidade de diversificar, usando a música, fotografia, pintura, enfim, som e imagem como ponto de partida para estimular o aluno no seu processo de aprendizagem.

O cotidiano oferece diferentes formas de ‘estarmos sujeitos, considerando a realização de inúmeros gestos de interpretação de sentidos. Lugar de observação e recorte para análises que desvelem os sentidos da cidade, os quais se formulam nas materialidades do espaço urbano. Neste trabalho, a perspectiva discursiva possibilita compreender a cidade e o cemitério como um dos lugares em que o saber urbano está presente e as condições de produção como o que ajuda a transformar o objeto de análise em um objeto discursivo. Cabe, em nosso recorte, reportar Maria Elizabeth de Oliveira ao seu tempo e de confrontar a ‘santidade’ imputada a ela com a santidade de outros tantos sujeitos considerados santos em outros tempos e formações sociais.

Com isso, se lança um olhar sobre o passado, perguntando sobre os efeitos que esse passado institui nos sujeitos no presente – sempre já passado – tendo em conta o que já é memória e possibilidade de um planejamento estratégico do futuro, que possivelmente vai falhar. Essa relação corrobora com a possibilidade de instaurar um imaginário social sobre o cemitério e sobre a sociedade.

A cada vez que se referenciam os símbolos, evocando a cidade, segundo Souza (2011) há uma atualização da memória e aos saberes urbanos que têm origem aí, do que se pode dizer que o discurso da urbanidade abarca o subjetivo. O espaço simbólico dá forma discursiva à cidade. Nas palavras de Venturini (2009, p. 41), a cidade “como um grande texto que se constitui e se deixa constituir numa ordem que, de um lado, é própria dela e, de outro, caracteriza-se por sua

ligação com os cidadãos que a habitam e a significam como texto”. Esse discurso tanto se constitui por enunciados verbais como não verbais ou “enunciados imagem” para focar o imaginário urbano, significando a cidade como historicidade. A enunciação não verbal significa pelo silêncio, por fazer parte da história. A imagem supõe o verbal, o simbólico, denunciando elementos pré-construídos. “A memória encontrando a atualidade”: “O lugar de memória possui duplo papel: impede o esquecimento de antigas tradições, como agente de mudança e transformação, pela preservação das tradições e promove o resgate dos laços de continuidade”. (VENTURINI, 2009, p. 70)

É pelas redes de memória e filiações que os sujeitos se identificam e instauram sentidos de pertencimento ao espaço em que vivem. Nesse sentido, é importante considerar diferentes textualidades, por exemplo, as fotos, as quais

[...] não são meras ilustrações ao texto. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 1989, p. 20)

As fotografias, assim como as imagens e músicas presentes na Unidade Didática produzida pelos proponentes da atividade. Não se trata de um material retirado de um livro, mas da proposição de atividades que foram lidas discursivamente. Ler discursivamente significa confrontar as textualidades, perguntando o que, por que, e como foram elaboradas, as motivações, quais ideologias sustentam o acontecimento textualizado no eixo da formulação e que efeitos de sentido podem ressoar a partir dessas materialidades em (dis)curso. Referendamos a necessidade de trazer o contexto histórico, entendido como as condições de produção que ajudam a compreender que o sentido não é fechado, mas um processo.

A leitura discursiva ocorre tendo e vista que os dizeres e as evidências são postas em suspenso. É bem verdade que, na escola e com crianças, não vamos falar em teoria, o que fazemos é questionar, discutir, e encaminhar para os sentidos abertos, devido aos processos discursivos e, ao mesmo tempo, relacionados à

língua e isso vai sinalizar para um certo gerenciamento.

UMA METODOLOGIA EM TORNO DE *UMA ESTRELA NO CÉU*: MARIA ELIZABETH DE OLIVEIRA

Nossa proposta de desenvolvimento desse projeto de leitura discursiva contempla a cidade, definindo-a a discursivamente, mostrando as relações do sujeito com o espaço urbano e as diferentes concepções de cidade, dando visibilidade às redes de sentidos. Será preciso, retomar, inclusive a história da cidade e trazer a partir dessa história as implicações decorrentes da historicidade. A necessidade de passar da história para a historicidade, deve-se ao que preconiza a AD, isto é, a abordagem dos processos constitutivos de determinados efeitos de sentidos e não outros, em detrimento do conteúdo.

Depois de pensar e teorizar em conjunto o discurso sobre a cidade, vale destacar o funcionamento dos cemitérios, realizando discussões sobre o que esse espaço significa. Faz-se necessária a retomada de conceitos vindos da história, mais especificamente, do estudo feito por Catroga (1996), quando recupera a história da morte e os sentidos do cemitério. Diante disso, destacamos o primeiro texto-imagem, que dá visibilidade ao nome do cemitério recortado para exemplificar a leitura discursiva e uma tomada geral desse espaço.

Os seisenunciados-imagem – que significamos comotextos que encaminham para um discurso - foram capturados no cemitério e na loja que vende imagens, xícaras, rosários, livros e os mais variados objetos que rememoraram/comemoraram Maria Elizabeth de Oliveira. Segundo Venturini (2009), eles podem/devem ser lidos dessa forma, pela sua estrutura interdiscursiva. Conforme Venturini (2009, p. 131), o enunciado-imagem “se inscreve no interdiscurso pela repetição e instaura o efeito de memória [...]”. Os enunciados-imagens permitem que sejam analisados os silêncios, os não-ditos.

Os enunciados-imagens foram capturados e se constituem como os recortes para essa proposta. Ressaltamos que a atividade não é só essa e que o livro *Uma estrela no céu: Maria Elizabeth de Oliveira*, de Fidélis Dalcin Barobosa (1996), está

na 34ª. edição serve de ancoragem para a leitura que estamos propondo. Ele foi escrito em 1969 e mostra o quanto circulou, pois continua sendo reeditado.

Fig. 1 – Enunciado-imagem 01



Fonte: Capturado por Maria Cleci Venturini, em 25 de novembro de 2019.

O enunciado-imagem 01, o nome do cemitério destacado na frente do espaço permite identificar o lugar e é isso que deve ser explorado na atividade junto aos alunos na sala de aula. Primeiro, precisamos saber como surge um cemitério na cidade, a que interesses e necessidades urbanas esse espaço atende. Essa parte histórica encaminha para as condições de produção do espaço cemiterial – cemitério Municipal de Passo Fundo.

O professor – também interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente – elege formas de trabalhar, encaminha as atividades de acordo com uma leitura já realizada e a escolha de um cemitério é, em si, um gesto de leitura realizado por ele. Estamos dizendo com isso, que a leitura discursiva, como proposta, não é positivista, pois significa o professor, o aluno como sujeito e coloca em suspenso o objeto a ser lido. Cabe ao professor – proponente da atividade – fazer perguntas relativas ao cemitério e aos sentidos dele para sujeitos.

Fig. 2 – Enunciado-imagem 02



Fonte: Capturado por Maria Cleci Venturini, em 25 de novembro de 2019.

Pelo enunciado-imagem 02, se pode ler/interpretar/compreender o túmulo de Maria Elizabeth e perguntar pelo tamanho, pelas flores vermelhas, pelo sujeito-feminino que está presente ali. Há avisos, destacando-se o de uma missão que não está visível no enunciado-imagem capturado. O tamanho do mausoléu significa, assim como é importante ver a disposição dele, na estrada do cemitério. Podem ser realizadas outras leituras, de acordo com a posição-sujeito de quem lê e do modo como esse enunciado se inscreve no eixo da formulação.

Fig. 3 – Enunciado-imagem 03



Fonte: Capturado por Maria Cleci Venturini, em 25 de novembro de 2019.

Já o enunciado-imagem 03 mostra os demais túmulos, os quais se constituem pela repetição em termos de tamanho, de cores, de disposição física. Essa disposição dá visibilidade para o funcionamento do cemitério em relação à formação social, que comporta as diferenças e também o que é semelhante e ajuda a significar o destaque do túmulo de Maria Elizabeth e o funcionamento dessa memória no espaço da cidade.

Fig. 4 – Enunciado-imagem 04



Fonte: Capturado por Maria Cleci Venturini, em 25 de novembro de 2019.

Não há como apagar as rosas vermelhas, conforme o enunciado-imagem 04. Essas rosas, segundo Barbosa (1996), eram as preferidas de Maria Elizabeth e representam, de acordo com os testemunhos que estão no livro escrito em 1969 e que está 34^a. ed., representam o sinal de milagre realizado. Podemos destacar o modo como os fiéis, talvez pudéssemos escolher uma designação melhor, atendem

ao desejo expresso no livro que conta a sua vida. Há outras versões da sua biografia e que destacam a sua morte. Alguns veem o que se conta³ – a narratividade – como uma lenda. Essa seria outra leitura, pensando já nas lendas urbanas.

As rosas vermelhas estão dispostas e sempre vivas no túmulo e podem desencadear outras discussões e encaminhamentos. O que foi possível ver é que essas rosas são colocadas no túmulo com frequência e há um cuidado especial com o lugar, significado no livro e pelo que é recorrente na cidade, como um santuário. Há um responsável pelo processo de beatificação e essa seria outra possibilidade de discussão.

Fig. 5 e 6 – Enunciado-imagem 05 e 06



Fonte: Capturados por Maria Cleci Venturini, em 25 de novembro de 2019.

Colocamos juntos os enunciados-imagem 05 e 06 porque os dois funcionam e fazem sentido juntos. Primeiro, temos a representação imagética de Maria Elizabeth de Oliveira e o que se destaca são as rosas, o ar sereno, encaminhando para a santidade. No enunciado-imagem 06 – ao lado – destaca-se o livro biográfico, no qual há a história da vida, da morte e o testemunho dos milagres imputados a ela e testemunhados por sujeitos identificados com nome, idade, endereço, em que o milagre que pensam ter sido realizado por Maria Elizabeth também é relatado.

Do livro *Uma estrela no céu: Maria Elizabeth de Oliveira*, é possível explorar o título, discutindo o valor semântico e discursivo da designação “estrela e de céu”, mostrando as relações, os discursos e memórias que retornam e, também, os efeitos

³ Os sujeitos-cidadãos, não só de Passo Fundo, mas também de regiões mais distantes, elegeram Maria Elizabeth como ‘santa’, principalmente, porque ela morreu jovem e tragicamente.

de evidências que se colocam. Vale também explorar na capa, e no enunciado-imagem 05, a representação imagética de Maria Elizabeth dentro da estrela, a rosa vermelha, entre outros discursos e memórias que podem retornar e constituir efeitos.

Por meio desses dois enunciados-imagem (05 e 06) ressoa a canonização, tendo em vista que aqueles que fazem milagres são 'santos' e são realizados com frequência processos de canonização. Diante disso, podemos levantar algumas questões, caso coloquemos em prática essa proposta. Dentre os questionamentos, podemos destacar: como se realizam os processos de canonização?; que significa ser "ser santo" e o que isso implica? No que tange à leitura discursiva, é interessante ver o que se repete no discurso sobre os santos e como acontecem essas repetições e que efeitos elas constituem.

O livro é uma versão da história que os sujeitos que acreditam na santidade de Maria Elizabeth contam. Sabemos que é impossível dizer e saber tudo que circula sobre ela, mas é possível adiantar, que além das rosas vermelhas, a cor azul é bastante significativa na história que se conta sobre Maria Elizabeth de Oliveira. Essas particularidades fazem parte do discurso e podem/devem ser lidas e discutidas em função dos efeitos de sentidos que constituem e do trabalho da língua na história, um dos funcionamentos fundamentais da AD.

Por fim, quanto à Maria Elizabeth de Oliveira, podemos realizar um confronto entre ela e os demais Santos. Isso é importante para discutir a constituição de mitos, os quais, assim como os santos, apresentam-se como sendo exceções dentro de um mundo muito igual.

EFEITO DE FECHAMENTO E A CERTEZA DO MUITO A-DIZER

A leitura discursiva desnaturaliza e desmancha evidências. No exemplo de leitura, desenvolvida nesse exercício que se pretende pedagógico, mostra que é possível avançar, instigar os estudantes a exercerem a sua posição-sujeito no discurso. É possível ler a linearidade, mas também o que não fica dito e o mais importante: é possível discutir, colocar em suspenso, destacar e compreender o funcionamento da ideologia.

Não se trata de dizer se é certo ou errado buscar milagres, praticar a adoração, cultivar imagens. Trata-se de exercer o direito de pensar e mais do que isso: dar o

direito à fala. Permitir que os estudantes se coloquem, exerçam a cidadania, deixem de ser apenas silêncio e que a escola seja democrática e instigante. Dessa forma, a leitura deixa de ser monológica e fechada e abre para a exterioridade, para a língua em movimento – como destaca Orlandi (2009) – e para a possibilidade de ver o homem falando, tendo espaço e voz.

Destacamos, mais uma vez, que essa proposta se ancora em projetos realizados junto ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), proposto pela Secretaria de Educação do Paraná e esses projetos foram aplicados. A orientação teve duração de dois anos com uma parte teórica com aulas presenciais, escritura e organização do projeto, planejamento, aplicação na sala de aula e escritura de um artigo.

Sobre projetos, dizemos, para finalizar, que ele não se encerra em si mesmos, mas abrem caminho para outras práticas discursivas pedagógicas, tanto orais quanto escritas. Foi o que fizemos: propusemos uma leitura discursiva possível, com outro recorte e outros objetivos. Partindo da leitura discursiva pode-se encaminhar entrevistas, realização de documentários, levando ao aprofundamento dos estados do espaço urbano e dos lugares e sujeitos que estão nele.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. *et al.* **O papel da memória.** Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

BARBOSA, F. D. **Uma estrela no céu:** Maria Elizabeth de Oliveira. 34. ed. Passo Fundo/Rs: Gráfica Berthier, 1996.

CATROGA, F. **O céu da memória:** cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal – 1756-1911. Coimbra: Editora Minerva, 1996.

CATROGA, F. **Os passos do homem como restolho do tempo:** o fim do fim da história. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

MORAES, D. de. **Notas Sobre o Imaginário Social e Hegemonia Cultural.** In: ARTNET. [S. l.], 1998. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquivo44htm>. Acesso em: 20 set. 2019.

ORLANDI, E. **Cidade dos Sentidos.** Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). **Práticas discursivas e identitárias:** sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

Sobre as autoras

Tatiana Barbosa de Sousa

Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí e mestra em Linguística pela Universidade de Franca. Graduada em Letras Licenciatura - Inglês e Português pela Universidade de Franca; em Letras Bacharelado - Tradutor e Intérprete pela Universidade de Franca e, também, em Pedagogia pela mesma instituição. Especialista em Língua Inglesa e Tradução pela Universidade Paulista e em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Tem experiência em linguística, especialmente em semiótica francesa, semântica histórica da enunciação e análise de discurso. Em suas pesquisas, destaca-se o interesse pelo funcionamento dos discursos em diferentes formas significantes, com destaque para aqueles que dizem de e sobre mulheres e de e sobre museus. Atualmente, é pós-doutoranda (CAPES/PNPD) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Maria Cleci Venturini

Possui Pós-doutorado na Universidade de Coimbra, doutorado em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (2008), mestrado em Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001), graduação em Licenciatura em Letras Língua Espanhola e Suas Lit pela Universidade de Passo Fundo (1998) e graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literat pela Universidade de Passo Fundo (1980). Atualmente é coordenador do mestrado em Letras – Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (UNICENTRO), funcionário público – (UNICENTRO) Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR –, professor concursado da Universidade Estadual do Centro Oeste e professora efetiva da Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, discurso, cultura, rememoração/comemoração; sujeito e ideologia.